

OBITUÁRIO

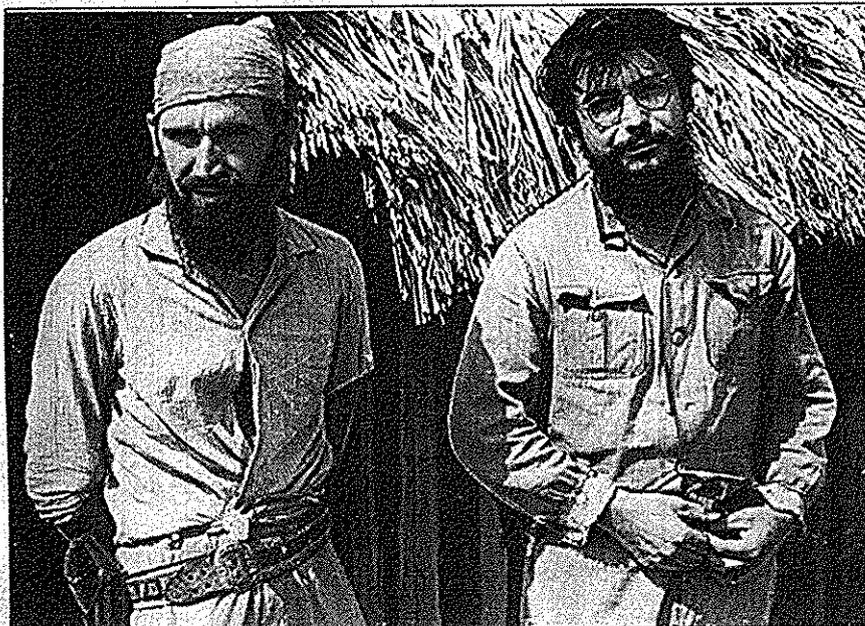
Orlando Villas Bôas, o defensor dos índios

• Cinquenta anos na Amazônia, mais de 40 em companhia dos índios, desbravador do interior do Brasil e um "herói do nosso tempo", conforme as palavras usadas ontem pelo presidente Fernando Henrique Cardoso para homenagear o grande sertanista. Orlando Villas Bôas dedicou grande parte de sua vida à defesa dos povos da selva. Nascido numa fazenda de café em Botucatu, interior de São Paulo, em 12 de janeiro de 1914, aos 27 anos resolveu trocar o emprego de escriturário e a vida na cidade pela selva.

Era o mais jovem e último dos irmãos Villas Bôas: além dele, também defenderam os índios Cláudio, Leonardo e Álvaro. Com Cláudio e Leonardo, fez o reconhecimento de numerosos acidentes geográficos do Brasil Central. Em suas andanças, os irmãos abriram mais de 1.500 quilômetros de picadas na mata virgem, onde surgiram vilas e cidades. Foi indicado duas vezes para o Prêmio Nobel da Paz, com Cláudio, em 1971 e em 1976, pelo resgate das tribos xinguanas.

Os irmãos lideraram a expedição Roncador-Xingu, iniciada em 1943 e que depois de 24 anos deixou em seu rastro 35 novas cidades, 19 campos de pouso e o Parque Nacional do Xingu, criado por lei em 1961 com a ajuda do antropólogo Darcy Ribeiro, morto há cinco anos. Na expedição, Orlando, Cláudio, Leonardo e Álvaro mapearam os seus encontros com 14 tribos indígenas, conseguindo permissão tácita para instalar as bases da Fundação Brasil Central.

Cuidadosos, eles soube-



ORLANDO, AO LADO do irmão Cláudio (à esquerda), numa aldeia do Xingu

ram agir contra idéias militaristas ou contra a ação de especuladores. Crítico da influência do homem branco, Orlando destacava que 400 anos depois do início da colonização européia, cada uma das tribos assentadas às margens do Xingu mantinha sua própria cultura e identidade.

Orlando e seus irmãos ajudaram a consolidar o Parque Indígena do Xingu com o apoio do marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, de Darcy Ribeiro e do sanitarista Noel Nutels. Orlando chegou, em 1961, a administrar o Parque, onde hoje vivem cerca de seis mil índios.

Os conhecimentos que Orlando acumulou em quatro décadas na selva podem ser encontrados nos 14 livros que publicou. Algumas das aventuras da expedição Roncador-Xingu foram contadas em "A marcha para o Oeste", escrito com Cláudio. Já no

fim da vida Orlando começou a escrever uma autobiografia, que jamais chegou a ser lançada. Agora em dezembro, suas inúmeras expedições para contato com índios do Xingu, nas décadas de 40 e 50, apareceram em mais um livro: "O Xingu dos Villas Bôas". Este ano Orlando foi um dos candidatos à vaga de Roberto Campos na Academia Brasileira de Letras, postulação que lhe provocava sorrisos, atribuindo-a à vontade de seus filhos.

Nos últimos tempos, Orlando, que ajudou a formular a política nacional indigenista, alertava para profundas mudanças na realidade do interior. Segundo ele, era necessá-

Arquivo/1967



O SERTANISTA RECEBE o carinho de um chefe indígena num encontro em São Paulo

"Nunca vi dois índios discutirem nem um casal se desentender. Entre os índios, o velho é o dono da história, o homem é o dono da aldeia e a criança é a dona do mundo"

ORLANDO VILLAS BÔAS

ria nova abordagem no trato da questão indígena.

Orlando viria a ter uma grande mágoa em fevereiro de 2000, ao ser demitido da Funai por fax. O então diretor da autarquia argumentou que, por residir em São Paulo e não comparecer ao trabalho, Orlando estaria impedido de exercer função comissionada (DAS-2). Disse ainda que o sertanista recebia pensão especial vitalícia, o que significava que teria acúmulo ilegal de remuneração pública.

Por causa do mal-estar provocado pela demissão, o

tendido burocrático".

Ontem, Fernando Henrique prestou homenagem ao indigenista, com um minuto de silêncio, durante a cerimônia de entrega do 8º Prêmio Direitos Humanos, no Palácio do Planalto. Depois o governo divulgou nota oficial, afirmando que sua perda entristece o Brasil. "Sua obra foi uma grande contribuição ao país, seja por seu espírito científico e humanista, seja pelo exemplo de serviço à cultura, à causa pública e aos valores da justiça e da solidariedade. Com ele o Brasil se tornou maior e mais forte",

acrescenta a nota.

Entre as lições inesquecíveis do sertanista, podem ser lembradas:

— O índio só sobrevive dentro de sua própria cultura — frase que virou seu lema.

— Nunca vi dois índios discutirem nem um casal se desentender. Entre os índios o velho é o dono da história, o homem é o dono da aldeia e a criança é a dona do mundo.

E, de seus amigos da floresta, teve o troco:

— Orlando é pai, irmão e um grande espírito da floresta e dos rios — disse Yawalapiti Aritana, um dos mais respeitados caciques do Xingu.

O sertanista morreu aos 88 anos, ontem, no Hospital Albert Einstein, na capital paulista, de falência múltipla dos órgãos. O corpo foi velado desde a noite na Assembléia Legislativa e será sepultado às 14h de hoje no Cemitério do Morumbi.